

| | | |
|---|-----------------------------|------------------------------|
| Veículo: O Liberal | | |
| Data: 12/01/2016 | Caderno: Atualidades | Página: 21 |
| Assunto: 400 anos | | |
| Tipo: Nota –Repórter 70 | Ação: Espontânea | Classificação: Neutra |
| *Reportagem produzida com o apoio do Atendimento à Imprensa da UFPA | | |

Belém vira o novo lar de estrangeiros

ATRATIVOS

Calor humano e gastronomia atraem os que adotaram a capital paraense

ANDRÉIA ESPÍRITO SANTO
Da Redação

Belém é uma cidade considerada receptiva por todos que chegam e decidem ficar por aqui. Não é difícil encontrar estrangeiros que optaram deixar o país de origem e vir morar em Belém. A culinária e a receptividade são algumas características da cidade que os atraem. Há ainda aqueles que chegaram com o objetivo de estudar e acabaram constituindo família.

A professora da Universidade Federal do Pará (UFPA) Christelle Anne Nicole Paule Herman, 32 anos, nasceu na Bélgica e mora em Belém há seis anos. Ela veio para a capital fazer o curso de pós-doutorado e por aqui ficou. A professora conta que antes nunca havia ouvido falar da cidade e nem conhecia a região, por isso ela pensou bem antes de vir. “Eu pensei duas vezes antes de vir. Pensei no lado positivo e negativo de vir para um local tão distante da minha terra. Mas a experiência tem sido ótima. Eu vim sozinha, estava solteira e conheci meu marido aqui em Belém”, relata.

Christelle conta que desde a infância viaja muito, indo para países de diferentes continentes. “Mas eu mantenho contato com a minha família e amigos por meio de carta, telefone e



Christelle Herman é belga e professora da UFPA: “Conheci meu marido aqui”



redes sociais. A cada 12 meses ou eu volto para a Bélgica ou amigos e parentes viajam para Belém. E eu também falo muitas línguas e morando no Brasil aprendi mais uma. Minha família sempre está aqui. Mas, pela primeira vez em seis anos, eu viajei para a Bélgica para passar o Natal e Ano-Novo. Sempre passei com a família do meu marido e agora decidimos ir à Bélgica visitar a minha família", comenta.

O apoio do marido foi muito importante para que Christelle se acostumassem com a cidade. Ela conta que conheceu o marido na universidade, quando ele fazia o doutorado e ela o pós-doutorado. "Meu marido é professor da Uepa (Universidade do Estado do Pará) e nos conhecemos durante os estudos. E, de maneira geral, eu fui muito bem recebida em Belém. As pessoas aqui são calorosas. Acredito que foi por isso que a

adaptação e a inserção social não foi difícil. Vi muitas mudanças positivas na cidade. A infraestrutura melhorou muito", afirma.

A professora belga avalia que um dos pontos negativos da cidade é a violência. "A cidade está bem violenta e eu não consigo me adaptar. Até porque no meu país é bem tranquilo", comenta.

Christelle gosta de todas as comidas típicas do Pará. "A culinária regional está aprovada. Como viajei muito quando era mais jovem, eu conheci e provei muitas comidas diferentes na América do Sul e na África, então não foi difícil provar as comidas de Belém. Gosto dos peixes e das frutas, como o bacuri, que tem sabor bem diferente. E eu sempre aproveito a safra dele, que é curta", acrescenta.

E a riqueza de alimentos em Belém também fez a pro-

fessora iniciar um trabalho de pesquisa com o cacau aqui da Amazônia. "Eu venho de um dos países produtores de chocolate e aqui descobri a matéria-prima que é o cacau. E, por coincidência, eu acabo usando em todas as minhas pesquisas o cacau, abordando as etapas do pré-processamento do cacau para ter um chocolate de boa qualidade. A cada ano eu procuro convidar os pesquisadores da Bélgica para passar uma temporada aqui e pesquisar com a gente em projetos de cooperação com a Europa", relata a professora da **UFPA**.

O estudante de jornalismo, Nathan NguaNegu KabueNge, 28 anos, nasceu na República Democrática do Congo. Ele mora em Belém há 5 anos, quando começou a estudar na **UFPA**. Ele conseguiu a vaga por meio de programa de intercâmbio que a universidade tem com outros países. O rapaz conta

"As pessoas são calorosas. Por isso, a adaptação não foi difícil para mim".

que fez muitos amigos e que adaptação foi difícil, mas que o apoio das pessoas foi fundamental para superar esse problema. O jovem quer, ao terminar o curso, fazer mestrado. Depois, ele vai voltar para o país onde nasceu para ensinar tudo que aprendeu aos mora-

dores do Congo. "Eu moro em uma casa de estudantes e tenho um bom relacionamento com todos. Foi uma amiga que me indicou o programa e eu consegui passar e vir para cá. Foi uma adaptação difícil no início, mas depois me acostumei. Eu gosto muito da feijoada, mas tem outras comidas que eu não gosto tanto. Ainda vou ficar um bom tempo aqui porque quero fazer mestrado. Depois volto para a minha terra natal para ensinar tudo que aprendi", comenta.